

Notícias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR (INT.º) ARMANDO ROCHA CRUZ

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO — RUA MINISTRO DUARTE PACHECO, 11 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ADMINISTRADOR e DIRECTOR ADJUNTO — JOSÉ MACHEIRA DELEGAÇÃO EM OLHÃO — RUA DE S. PEDRO, 17

COMPOSIÇÃO e IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO TEL. 59 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

A VOZ DO CHEFE da Nação

O sr. Presidente do Conselho, no seu discurso na Assembleia Nacional, reunida especialmente para o efeito, pôs claramente a posição de Portugal acerca dos ataques às nossas províncias ultramarinas, ultimamente verificados no seio da O. N. U. Ninguém pode ter dúvidas, nem interna, nem externamente, de que a voz do Chefe do Governo é a que exterioriza a própria Nação.

Depois de analisar a posição que o mundo tomou perante o fenómeno a que se chama colonialismo; depois de se referir à situação criada pelas Nações Unidas no quadro da vida internacional, o Chefe do Governo afirmou que é preciso ter o espírito preparado para ela, na unidade indivisível da Nação.

Valorização turística de Armação de Pera

ESTÃO em franca actividade os vários problemas desta estância turística. Por conseguinte, todos os seus visitantes encontrarão, muito brevemente, um perfeito apetrechamento e em condições favoráveis.

Para o abastecimento de águas, já se iniciaram alguns trabalhos, tendo-se procedido à abertura dos roços para a instalação da respectiva conduta e suas derivações.

O Hotel a construir já foi reconhecido pelo Secretariado Nacional de Informação, como de utilidade turística. Por estes dias iniciar-se-ão os trabalhos de construção, que, segundo cremos, serão em ritmo bastante acelerado.

Em meados do próximo ano, terá início a nova estrada que substituirá as perigosas curvas à entrada da vila. A avenida à beira-mar será devidamente asfaltada, dando a esta primordial artéria um aspecto mais digno, o que há muito se vinha solicitando; para seu embelezamento vão lá construir-se várias moradias.

(Concluído na 4.ª página)



A famosa artista francesa Julietta Grecco, que o público cinéfilo de Vila Real de Santo António há pouco admirou no filme «A Lenda do Reno».

A INJUSTA SITUAÇÃO DO LICEU DE PORTIMÃO

DRAMÁTICA situação em que se encontra a cidade de Portimão, devida às despesas incontroláveis que a sua Câmara vem fazendo com o Liceu, são bem conhecidas de todos.

Mal podiam imaginar os que entusiasticamente aclamaram em 1956, em Portimão, perante os senhores Ministros da Educação e do Interior, o que julgavam ser, como tinha sido anunciado, a elevação do Liceu de Portimão a liceu nacional, que o futuro lhes reservaria esta surpresa.

Não se perderam, é certo, as esperanças de ver o caso resolvido. Mas se o não for ou se demorar, reservar-nos-à o futuro a decadência irremediável da cidade?

Não deixa de ser inédita esta situação de uma cidade estar a caminhar para a decadência, vendendo os seus terrenos e outros bens próprios para poder pagar aos professores de um liceu des-

tinado a servir numerosos concelhos, como se prova pelo facto de ter sido definido oficialmente como regional. Neste aspecto não se deve encontrar em toda a história dos municípios do nosso País um caso semelhante a este dos chamados liceus municipais.

Não se sabe porque razão não se resolveu já esta situação que todos dizem ser insustentável e injusta. Ainda recentemente «O Século», em esplêndido artigo de fundo, chamava a atenção dos Poderes Públicos para este caso tão bizarro. Não será certamente por caprichos ou más vontades pessoais que o caso não se tem resolvido.

Há quem diga que a dificuldade está no aumento de encargos que o Estado tem tido, não lhe tendo sido possível acudir ao caso descrito.

Algumas pessoas estão ou fingem estar convencidas de que por essa razão teremos de contar com a impossibilidade de resolver tão cedo a situação.

Ora é sobre este ponto que gostaríamos de fazer notar que em Portimão ninguém de boa fé pode acreditar em semelhante argumento. Não somos tão ingénuos como isso.

A situação criada às Câmaras de Portimão, da Figueira da Foz e da Covilhã teve início em 1956. Depois disso foram instituídas numerosas escolas industriais, foram elevados ao 7.º ano todos os liceus do País que só tinham o 5.º ano e recentemente foi prometida a criação da Faculdade de Letras do Porto.

Para esses casos não houve falta de verba. Se o dinheiro não chegava para todos os encargos, era de esperar que se resolvessem primeiro as situações aflitivas criadas às cidades em causa, antes de beneficiar outras localidades que não tinham, nem de longe, problemas tão dramáticos.

Se assim não aconteceu é porque está iminente a resolução dos casos de Portimão, da Figueira da Foz e da Covilhã. Não se po-

NO TERCEIRO ANIVERSÁRIO DO DESAPARECIMENTO DE UM CONTISTA ALGARVIO

REZ no passado dia 14 três anos que faleceu o jovem escritor António Macheira. O nosso jornal orgulha-se de ter sido um dos primeiros a inserir os seus escritos — sempre humanos, sempre admiráveis. Deixou-nos muitas saudades. Pelas belas crónicas e contos que com orgulho recebíamos assiduamente, muito o admirávamos.

A figura singular do jovem escritor ainda hoje é recordada e com a obra póstuma «Até amanhã, meu filho», tornou-se mais conhecida nos meios literários. No Brasil, esta «pequena-grande obra» (dito do escritor e historiador dr. Alberto Iria) deu lugar a considerações de destaque, revelando um interesse desusado por um livro e por um escritor quase desconhecidos. No nosso país, vários críticos se referiram à obra, salientando o seu valor literário e humano.

A secção cultural do Clube Desportivo «Os Olhanenses» deu à sua biblioteca o nome de António Macheira, homenagem que lhe foi atribuída por ser ele o seu principal fundador e, como prosélito infatigável, semeou lá a cultura necessária ao progresso espiritual da sua terra.

Sabemos que outra obra se encontra no prelo e em vias de ser apresentada ao público. «Impressões disto e daquilo» é um pequeno livro de crónicas e apontamentos, pleno de curiosidades, de pensamentos e de observa-



António Macheira, o malogrado autor de «ATÉ AMANHÃ, MEU FILHO», visto por outro artista: Sidónio

ções inéditas. Nesta pequena nota prestamos homenagem à memória de um dos mais gratos colaboradores, que foi este jovem escritor algarvio.

CONSTRUÇÃO DE PONTES SOBRE AS RIBEIRAS de Arade e Gavião NO ALGARVE

Na Junta Autónoma de Estradas efectuou-se um concurso público para arrematação da empreitada de construção das pontes sobre as ribeiras de Arade e Gavião, no Algarve. A base de licitação era de 1.414.410\$00 e receberam-se oito propostas, a mais baixa de 1.168.650\$00 e a mais elevada de 1.559.450\$00.

Medidas para o progresso económico do Algarve

A Pesca e a criação do Grémio dos Armadores DE ATUM

O NOSSO jornal já noticiou a criação do Grémio dos Armadores da Pesca do Atum. É de facto uma medida necessária, pela qual nos congratulamos, por sabermos quão necessário era o aparecimento de tal organismo para resolver de vez os males que enfermam esta proveitosa actividade piscatória. Está, pois, de parabéns, o Algarve.

Especialmente Vila Real de Santo António, por concentrar a maioria das fábricas de conservas de atum, muito pode vir a lucrar com esta decisão governativa, pois realmente tem-se verificado que, de há anos a esta parte, toda a pesca de atum do Al-

garve tem sido insuficiente para as suas necessidades de fabrico; o qual se escoava rapidamente dada a sua excepcional qualidade.

Os processos de pesca do atum, entre nós, são de facto muito rudimentares. Noutros países, o sistema utilizado já se aproxima do ideal, tendo como resultado pescas abundantes, o que lhes permite, não só o abastecimento a si próprios, como ainda exportarem para os diversos mercados mundiais. Nesta conformidade, poderá obter-se uma excelente fonte de riqueza nacional.

Por tudo isto é de crer que, finalmente, irá ser uma realidade a renovação dos métodos de pesca de atum, medida que, aliás, se impõe.

Este ano, por exemplo, Vila Real de Santo António tem registado uma excelente temporada de pesca de sardinha, o que não se verificava há muitos anos. Mas tal facto não deve ter-se como base, pois o atum é necessário para assegurar a normal laboração das principais fábricas locais.

Sociedade Recreativa ARTÍSTICA FARENSE

Festejou o 54.º aniversário da sua fundação, no passado dia 8, com uma festa, a Sociedade Recreativa Artística Farense.

PORTUGAL NO ORIENTE

FEITORIA PORTUGUESA DE BANGKOK

Por JOSÉ DE CARVALHO E REGO

Entre velhos escritos sobre o reino de Siam — hoje Tailândia — foi na interessante revista «ORIENTE», publicada em Macau, de que foi ilustre director e editor o Reverendo P.º José da Costa Nunes — hoje um dos vultos mais categorizados da Igreja — que encontramos os melhores elementos para dizer algo sobre a Feitoria Portuguesa de Bangkok e da acção dos portugueses naquelas paragens.

Quis sua Majestade Magnífica o Rei de Siam, distinguir Portu-

O POETA FARENSE JOSÉ MORAIS LOPES FOI PREMIADO EM ROMA

Num concurso internacional de poesia, efectuado em Roma, recentemente, conquistou o prémio «Grande Lauro» o apreciado poeta algarvio sr. José Morais Lopes, autor do livro de poemas «Caminhada», aparecido há uns anos.

gal, oferecendo-lhe um vasto terreno para se estabelecer um Consulado Geral, com permissão de ter as docas que ali se pudessem construir sobre a margem esquerda do grande rio Menam Chao Phraia, a 26 milhas de distância de Bangkok.

Apesar da gentil e generosa oferta ter sido feita em 1799, em carta autografa de Sua Majestade, dirigida ao Vice-Rei da Índia, carta que, possivelmente, deve existir arquivada naquela nossa Província Ultramarina, ou na Torre do Tombo, e talvez, por cópia, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, só em 1820 chegou ao reino da Tailândia, Carlos Manuel da Silveira, primeiro Consul nomeado pelo Vice-Rei da Índia, Conde do Rio Pardo, que ali se apresentou a bordo da fragata «Salamandra».

Carlos Manuel da Silveira desembarcou com todas as honras; e tendo tomado posse do terreno, em nome de Sua Majestade o Rei de Portugal, ali mandou construir uma pequena casa de oia, na extremidade sul do terreno, onde residiu durante um ano, retirando-se para Macau.

Regressando em 1851 à Tailândia, levou consigo a carta patente régia que o nomeava consul e

(Concluído na 4.ª página)

Os salários dos operários conserveiros do Algarve FOCADOS PELA Corporação de Pesca e Conservas

SOB a presidência do sr. Comodoro Daniel Duarte Silva, reuniu a Direcção da Corporação de Pesca e Conservas, que apreciou a situação dos operários conserveiros do Algarve, quanto ao pedido de alinhamento de salários com os dos restantes centros do país.

Entre outros assuntos, tratou-se também da situação financeira deste organismo, após o que foram aprovados os planos de financiamento e o orçamento de receita e despesa para o próximo ano, a submeter ao conselho da Corporação, convocado para se reunir no dia 19 do corrente, pelas 15 e 30 horas.

ENG.º SEBASTIÃO RAMIREZ

Em franca convalescência da intervenção cirúrgica a que foi submetido em Paris, no passado mês, regressou a Lisboa, por via aérea, o nosso comprovinciano sr. eng.º Sebastião Ramirez, ilustre deputado pelo Algarve à Assembleia Nacional.



«Florilège» é o nome deste bolero de «vison», trabalhado no sentido horizontal. O chapéu, também de «vison», tem a graça dos capuchinhos para ilustrações de contos infantis

CINE-CLUBE OLHANENSE

NO próximo dia 2 de Janeiro de 1961, pelas 21 horas, na sede do Clube Desportivo «Os Olhanenses», realizar-se-á a Assembleia Geral Ordinária deste Cine-Clube com a seguinte ordem de trabalhos: Apresentação do Relatório e Contas da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal. Eleição dos Corpos Gerentes para o ano de 1961.

Conforme preceitua o § 1.º do art. 16.º, a Assembleia Geral funcionará uma hora depois da indicada, desde que à hora marcada não se verifique a maioria dos sócios precisa.

Este Cine-Clube leva a efeito na segunda-feira mais uma sessão no Cinema-Teatro, onde será exibido «Vera Cruz», de Roberto Aldrich.

Grémio da Pesca do Atum

O oportuno e interessante artigo que publicamos na primeira página que se refere com clareza às perspectivas que a recente criação do Grémio da Pesca do Atum oferece aos industriais conservadores algarvios, principalmente aos de Vila Real de Santo António, e que por lapso não vem assinado na 1.ª página é da autoria de um dedicado vila-realense e amigo do nosso jornal.

Liceu de Portimão

(Conclusão da 1.ª página)

derá pensar de outro modo, até porque o Estado é por definição uma pessoa de bem e não sanciona favoritismos para uns e esquecimento para outros.

Poderiam algumas mentalidades acacianas dizer-nos que esta interpretação não é inteiramente exacta porque as escolas industriais obedecem a um plano próprio e não poderiam ser adiadas. Se alguém assim pensar está enganado, porque a escola industrial de Portimão — a cidade mais industrial ao sul do Tejo, depois de Setúbal — estava prevista para ser iniciada no I Plano de Fomento e foi adiada para o II, para dar lugar à criação de outras escolas industriais, algumas delas em bucólicas e simpáticas vilas do interior. A este respeito deverá notar-se que a falta da escola industrial de Portimão não é de maneira alguma atenuada pela existência do liceu, como se prova pelo facto de muitas centenas de crianças, deste centro industrial, geralmente filhos de operários, se deslocarem todos os dias às escolas industriais mais próximas — mas muito distantes — em condições bastante dolorosas e desumanas.

Mas, mesmo admitindo, por hipótese, que as questões do ensino técnico fossem absolutamente diferentes das do ensino liceal, teríamos ainda os casos da elevação ao 7.º ano dos liceus que só tinham o 5.º, verificados depois de 1956, sem que tivessem sido pedidos sacrifícios às Câmaras interessadas, sacrifícios que de

resto elas não poderiam suportar, como não podem as Câmaras de Portimão, da Figueira e da Covilhã.

É preciso notar que as autoridades que superintendem neste assunto nunca disseram que o problema não poderia ser resolvido por impossibilidade de obtenção de verba.

Acresce ainda que o Estado está a auferir este ano da cidade de Portimão muitos milhares de contos com que não contava nas suas previsões orçamentais, pois as suas indústrias tiveram no corrente ano, por circunstâncias acidentais, uma actividade superior à média dos últimos anos.

Esse dinheiro, criado pela actividade de Portimão e com que o Estado não contava, poderá contribuir poderosamente para resolver um problema em si tão doloroso e que envolve muitos outros de grande transcendência.

Portimão, Figueira e Covilhã, além de centros industriais e comerciais de 1.ª grandeza, são centros turísticos de renome europeu e mesmo mundial. As suas Câmaras têm neste campo uma imensa tarefa para valorização do Turismo Nacional e portanto da Nação, o que não poderão cumprir se não for resolvida com urgência a situação descrita.

Por isso estamos certos da boa vontade do sr. Ministro das Finanças para resolver este problema com a urgência afiliva que o caso requer, boa vontade essa que tem sido demonstrada em numerosos casos, nomeadamente num bem recente de que na imprensa se fez eco, relatando a homenagem que uma comissão da Murtoza prestou ao senhor Ministro agradecendo as facilidades dadas para melhoramentos de grande interesse turístico para a região citada.

T. A.

PORTO RAINHA SANTA

ATÉ OS ANJOS BEBEM!...

RODRIGUES PINHO & C.ª VILA NOVA de GAIA



Nesta casa quem compra uma vez fica sendo freguês



Lãs Lanifícios Sedas Algodões Malhas Interiores e Exteriores Meias Peugas e Camisaria

AGENTES DAS MÁQUINAS DE TRICOTAR "LA ROYAL"

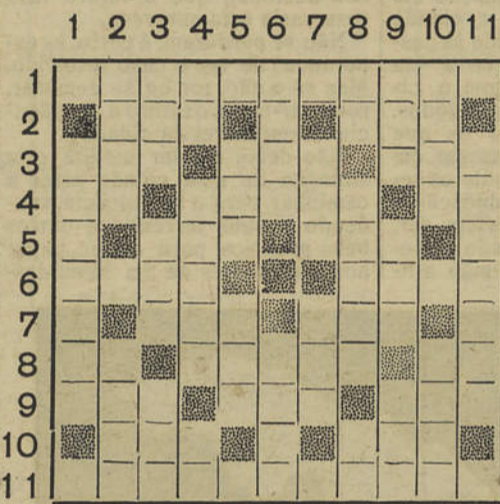
A Tipografia TIPOCOLOR

Chama a v/ atenção especial para a qualidade dos seus trabalhos.

TRAVESSA 18 DE JUNHO, 7 OLHÃO

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 13



HORIZONTAIS: 1 — Transformação 2 — Grande quantidade, lá. 3 — Jogo de cartas, ave gigante da Nova Zelândia, nome de mulher. 4 — Nota musical, sopé, paralisia. 5 — Oxido de cálcio, peixe de água doce. 6 — Vantagem, margens. 7 — Chefe etíope, altar. 8 — Porco, abalara, letra grega. 9 — Nome de mulher, rezo, raízes. 10 — Interjeição, ruído. 11 — Relativo a promessa.

VERTICAIS: 1 — Estala como as faiscas que ressaltam da madeira incendiada. 2 — Engana, rio da Alemanha. 3 — Parente, rubor das faces, espaço de tempo. 4 — Contração da preposição e artigo, arengas, abrev. usada nos cálculos astronómicos. 5 — Desgraça, sadio. 6 — Soluta para tratamento dos dentes da boca, raivas. — Acrescente, pequeno arco. 8 — Nota musical, balela, único. 9 — Remoinho na água, vaso para vinho, colocar. 10 — Destino, salvei. 11 — Esquivos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12

HORIZONTAIS: 1 — Tonta; moído. 2 — Ala; oca; ver. 3 — Ra; sou; il. 4 — Fa; Me. 5 — Mudou; ola. 6 — Age; notar. 7 — AA; as. 8 — Us; Eca; tu. 9 — Mas; mar; sol. 10 — Amor; bela. 11 — Ramal; lemos.

VERTICAIS: 1 — Tara; fumar. 2 — Ola; ma; sama. 3 — Na; fuga; som. 4 — Adia; ra. 5 — Aos; em. 6 — Comunicas. 7 — Mau; ar. 8 — Mota; be. 9 — Iv; elas; sem. 10 — Dei; ar; tolo. 11 — Orla; fulas.

Propagai o "Notícias do Algarve"

VALORIZAÇÃO TURÍSTICA DE ALBUFEIRA DE PERA

(Conclusão da 1.ª página)

Nesta esplêndida estância de veraneio e repouso, já classificada por muitos turistas como «A Praia Dourada», todos os seus naturais estão empenhados em prepará-la cuidadosamente, para servir bem o turismo nacional. Para tanto, recordem-nos das criteriosas palavras do sr. eng.º Álvaro Roquete, ao apreciar a valorização turística de Albufeira:

«O turista é um «bicho» esquisito que vai onde é bem tratado, bem acolhido, bem instalado, e onde pode viajar com facilidade e comodidade. Transportes bons e fáceis, instalações hoteleiras convenientes e não caras; eis os elementos essenciais.»

Tem também contribuído para tão grande desenvolvimento turístico, a Junta de Turismo local, cujo presidente, sr. coronel J. Santos Gomes, vem com evidente persistência e bairrismo fomentando a valorização de Albufeira.

Convém, contudo, atender sem perda de tempo, ao restabelecimento das carreiras para Alcantarilha e a sua correspondência com outras pequenas terras.

A. Duarte Gomes

AGENDA

TRINEIRAS MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António de 9 a 15 de Dezembro

Triunfante	144.870\$00
Audaz	123.010\$00
Infante	107.970\$00
Leste	101.850\$00
Janita	101.685\$00
Raulito	94.711\$00
Suestada	86.306\$00
Conceicanita	83.710\$00
Tufão	82.450\$00
Norte	78.850\$00
Pérola do Guadiana	67.681\$00
Flor do Guadiana	61.730\$00
Ag-dão	59.620\$00
Fernando Carlos	56.190\$00
Maria Rosa	50.890\$00
Vulcão	46.330\$00
Nova Sr.ª da Piedade	40.391\$00
Cruzeiro do Sul	39.800\$00
Flor do Sul	36.020\$00
Oeste	35.150\$00
Costa Azul	33.235\$00
Clarinha	29.400\$00
Salvadora	18.290\$00
Estrela do Sul	17.500\$00
Noroeste	17.055\$00
Restauração	16.695\$00
Sr.ª da Saúde	16.300\$00
Mirita	15.800\$00
Trio	13.500\$00
Amazona	12.600\$00
Alvarito	12.260\$00
Estrela de Maio	3.700\$00
Total	1.705.950\$00

Peixe diverso apanhado por várias embarcações 33.055\$00
Total 1.738.645\$00

FARMÁCIA DE SERVIÇO
Está de serviço permanente de 17 a 23 de Dezembro, a Farmácia SILVA. Rua Dr. Miguel Bombarda — Telefone 64.

O NATAL E AS CRIANÇAS

APROXIMA-SE a passos rápidos o Dia de Natal, sonho e enlevo de todas as crianças, que nesta quadra do ano, vêm realizar-se os seus pequeninos sonhos, que se traduzem em maravilhosas miragens de escolhidos brinquedos.

Numa alegre profusão de todas as classes de brinquedos desde os ursinhos de peluche até aos mais complicados e dignos de admiração bonecos de perfeita mecanização a **CASA RUBY** com sucursal na Rua Teófilo Braga apresenta este ano um interessante sortido de brinquedos nas suas vastas montras, que estão sendo o centro de reunião de toda a pequenada de Vila Real de Santo António. Ao seu proprietário as nossas felicitações pela alegre montra que apresenta.

Importantes melhoramentos em ALJEZUR

Foi inaugurada em Aljezur, com a presença do sr. Governador Civil e sua esposa, a Cantina Escolar. Assis-tiram ao acto os srs. presidente da Câmara Municipal de Aljezur e vereadores, o presidente da Comissão Distrital da União Nacional, o director do Distrito Escolar e muitos convidados. Esse importante melhoramento veio beneficiar as crianças pobres das escolas primárias.

P. N. A. M.

Para umas Boas Festas os melhores presentes de Natal poderão ser adquiridos na

CASA RUBI

Cromos-adornos de Natal, brinquedos nacionais e estrangeiros, utilidades, livros, etc.

Exposições permanentes de Brinquedos até ao Natal na sucursal na Rua Oliveira Martins — Telefone 311

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



Saborear é viver...

A hora do lanche chegou. Os garotos precipitam-se alegremente para as fatias de pão com Planta! Uma fatia, duas, três fatias de pão com Planta, cada um! É um gosto! Isto prova que também eles sabem apreciar as coisas boas. Saboreie Planta e verifique também que é a mais fresca e deliciosa das gorduras.



Planta a gordura das pessoas de bom gosto

DESSPORTOS

ORIENTAL, 4 - LUSITANO, 0

UM GOLO "FURTADO" AOS ALGARVIOS e outro «oferecido» aos locais

- ERROS GRAVES DE UMA ARBITRAGEM FUNDAMENTALMENTE CASEIRA

Jogo no campo «Eng. Carlos Salema», em Marvila.

Árbitro: Alfredo Antunes (Leiria).

ORIENTAL — Edmundo; Silva Costa, Luz e Moraes; Cordeiro e Viriato; Évora, Dutra, Cristóvão, Rivera e Martinho.

LUSITANO — Amorim; José Pedro, Parra e Gonçalves; Padesca e Tavares; José Vicente, Araújo, Marco, Rodolfo e António Vicente.

Não nos surpreende a derrota do Lusitano no encontro de Marvila, se atendermos ao facto dos vila-realeses não poderem contar com quatro dos seus elementos titulares — Jaruga e Ramires, cumprindo castigo federativo e Torres e Martínez, magoados no jogo com o Montijo. Mesmo assim, os algarvios não mereciam tão pesada punição.

Acerca do jogo, damos aos nossos leitores algumas passagens do jornal «Mundo Desportivo»:

«O ataque de Marvila, sem excepções individuais, martelava intensamente a defesa algarvia, a qual se via em certos embaraços, por mor da movimentação do adver-

sário e também pelas suas deficiências de marcação e domínio do esférico.

Diga-se mesmo que foi a aglomeração de jogadores na grande área do Lusitano que obstou a que o tento inaugural não tivesse surgido mais cedo.

O conjunto marvilense impôs-se quase definitivamente a partir da altura em que se colocou em vencedor, beneficiando, é certo, da inferioridade numérica do Lusitano, dado que Parra saiu aos 15 minutos, por lesão contraída em choque anterior com Cristóvão.

Contudo, uma virtude grande manteve a equipa algarvia: não desanimou, e nos últimos vinte minutos da 1.ª parte, voltou a lançar alguns contra-ataques, em que Parra, regressado ao rectângulo para alinhar a extremo direito, teve forte influência. Chegaram mesmo os visitantes a alcançar o tento do empate, inexplicavelmente anulado pelo árbitro. E em outros lances levaram a defesa da «casa» a perturbar-se, ela que tão bem se encontrara anteriormente.

O Oriental aumentou a vantagem, após a meia hora esclarecedora, sem dúvida, do seu maior poder. Mas numa altura em que os algarvios ainda se encontravam abismados pela anulação do seu golo quatro minutos antes, um golo verdadeiro em todas as partes do mundo. Uma determinação do juiz da partida, que foi uma injustiça ao ânimo que os lusitanos punham no despique, sem se mostrarem amachucados pela superioridade demonstrada pelo adversário. Tais decisões da arbitragem podem resultar muitas vezes na modificação do curso do encontro e o desfecho verdadeiro que se passou em

campo. É certo que o Oriental se mostrava, como já se focou, bem lançado para um resultado claramente favorável mas às vezes, quem sabe...

Da arbitragem, diz o cronista daquele jornal:

«A arbitragem em nível inferior. Não só anulou um golo autêntico ao Lusitano, como assinalou um livre contra os algarvios — do qual resultou o 4.º golo orientalista — quando ele deveria ser em sentido inverso. Nas deslocações dos avançados, também nem sempre acertou, no que o fiscal do lado da bancada foi o mais culpado agitando incessantemente a bandeira, fez até interromper o jogo para o regresso de António Vicente ao campo, do qual saíra lesionado».

M. Vicente

LUSITANO F. C.

Em 16 do corrente, efectuou-se, na sede do Lusitano F. C., de Vila Real de Santo António, uma reunião magna dos dirigentes da popular colectividade desportiva vila-realense.

Nessa reunião resolveram-se diversos assuntos importantes para o clube, entre os quais o da manutenção, como treinador, do guarda-redes Martinez.

VELA

Torneio do Outono - Snipes

Com a realização, em 8 de Dezembro, da 8.ª regata, terminou a 1.ª série do Torneio, cuja classificação final foi a seguinte:

1.º — Fernando Prazeres e Emanuel Estevinha — G. C. Naval — 1620.4/4 pontos; 2.º — António André e Wernher Heinen — S. L. Faro — 1602.4/7 pontos; 3.º — Jorge Leiria e Pessanha Viegas — G. C. Naval — 1525.2/1 pontos; 4.º — José Delfino e Francisco Manjua — M. P. Faro — 1494.4/5 pontos; 5.º — Silvério Augusto e António Barreiros — G. C. Naval — 1485.2/4 pontos; 6.º — Diamantino Mendes e Carlos Gonçalves — M. P. Faro — 1405.4/6 pontos; 7.º — Daniel Santana e Rodrigo Matos — M. P. Faro — 1379.1/5 pontos; 8.º — Rogério Ferro e José Ferro — S. L. Faro — 1361.4/5 pontos; 9.º — Fernando Ferreira e José Damásio — S. L. Faro — 1292 pontos; 10.º — António Martinho e Carlos Filipe — S. L. Faro — 1249.4/4 pontos; 11.º — José João Castro e Carlos Martins — S. L. Faro — 1169.1/4 pontos.

Por carência de embarcações em número suficiente e para continuar a 2.ª série do Torneio, foram excluídas as últimas 3 tripulações, continuando o mesmo a ser disputado somente por 8 tripulações, as quais já disputaram no dia 11 a 9.ª regata, que teve o seguinte resultado:

1.º Fernando Prazeres e José Correia (sup.) — G. C. Naval — 1600 pontos; 2.º — Jorge Leiria e Pessanha Viegas — G. C. Naval — 1521 pontos; 3.º — Daniel Santana e Rodrigo Matos — M. P. Faro — 1444 pontos; 4.º — António André e Wernher Heinen — S. L. Faro — 1369 pontos; 5.º — Diamantino Mendes e Carlos Gonçalves — M. P. Faro — 1296 pontos; 6.º — José

Delfino e Francisco Manjua — M. P. Faro — 1225 pontos; 7.º — Silvério Augusto e António Barreiros — G. C. Naval — 1156 pontos; 8.º — Rogério Ferro e José Ferro — S. L. Faro — 1089 pontos.

O Torneio prosseguirá, salvo más condições de tempo, no dia 18, após o que será interrompido pelo motivo da Festa do Natal e Ano Novo, até ao dia 15 de Janeiro, continuando a ser disputado todos os Domingos até à conclusão da 12.ª regata.

OLIVAIS, 2 — OLHANENSE, 5

Quando vence o melhor está tudo certo...

No difícil terreno dos Olivais a turma da vila cubista obteve no passado domingo uma vitória indiscutível, sem margem para dúvidas, demonstrando uma «bagagem» técnica muito superior ao adversário, o qual teve a virtude de nunca «baixar os braços», lutando sempre com o mesmo ânimo do primeiro ao último minuto, o que veio valorizar mais ainda o triunfo obtido. Mas longe de nós a ideia de que o jogo foi fácil para os algarvios. Nada disso. Aliás, não é qualquer equipa que vence no terreno dos lisboetas, o Vitória de Setúbal que o diga, pois não há muito tempo lá não passou de um empate e mesmo esse em circunstâncias especiais que preferio não referir agora. Na verdade o Olivais tem feito uma óptima prova, lutando sempre

em todos os jogos com um entusiasmo e uma energia verdadeiramente notáveis. No domingo baqueou perante uma equipa com mais «cabeça» aliada a uma técnica superior, como atrás frisamos, mas se não fora a desastrosa exibição da sua defesa talvez o triunfo fosse bem mais difícil de arrancar. No primeiro tempo os lisboetas marcaram primeiro, mas cedo o Olhanense assentou jogo, aventurou-se mais no ataque, e num ápcie fez o empate, adiantou-se no marcador e acabou a meia parte jogando à vontade. A perder por 3-1, os homens de Moscavide entraram no segundo tempo a jogar a todo o «gás», pondo a defesa algarvia em sobressalto para deter a fúria inicial, mas quando todos esperavam o merecido golo este veio a surgir mas por meio de um «penalty fantasma» que só existiu na imaginação do juiz da partida.

Apenas com um golo de avanço e sem o concurso de Gancho, que saíra magoado, pairou no ar a impressão que o Olhanense acabaria por ceder; mas não, a actividade da equipa aumentou, todos os elementos rubro-negros se desdobraram em esforços constantes e em breve arrumaram a questão com mais dois tentos, frutos de bons momentos de futebol com a bola a girar de uns para os outros numa demonstração clara das possibilidades da turma. E' claro que os homens do Olivais se podem queixar de manifesta falta de sorte, especialmente no princípio do segundo tempo, mas não há dúvida de que mesmo nos seus períodos de domínio intenso o adversário nunca perdeu o

(Conclui na 4.ª página)

CLASSIFICAÇÃO

	J.	V.	E	D.	B.	P.
OLHANENSE	12	8	3	1	37-11	19
V. Setubal	12	8	3	1	34-12	19
FARENSE	12	9	1	2	23-11	19
Oriental	12	7	3	2	24-9	17
Alhandra	12	6	2	4	27-22	14
S. L. Olivais	12	5	2	5	24-19	12
PORTIMONENSE	12	5	2	5	21-18	12
Montijo	12	4	3	5	18-21	11
Estoril	12	3	3	6	13-19	9
Juventude	12	4	1	7	15-23	9
D. de Beja	12	4	1	7	11-22	9
LUSITANO	12	2	4	6	7-18	8
Sacavenense	12	2	2	8	7-34	6
U. de Montemor	12	2	—	10	22-44	4

Jogos para hoje: Beja-Montijo; Estoril-Oriental; LUSITANO-FARENSE; Alhandra-Olivais; OLHANENSE-PORTIMONENSE; Sacavenense-Montemor; V. Setubal-Juventude.

CAMPEONATO DISTRITAL DE JUNIORES

Resultado do jogo efectuado no passado domingo:

Olhanense, 8

Portimonense, 0

Marcaram-se para hoje os seguintes jogos:

Portimonense S. C.

S. C. Farense

S. Lisboa e Faro

S. C. Olhanense

TIPOGRAFIA

TIPOCOLOR

IMPRESSOS DE TODOS OS GÉNEROS

TRAVESSA 18 DE JUNHO, 17

OLHÃO

TINTAS EXCELSIOR



NA CONSTRUÇÃO NAVAL PORTUGUESA



J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.

CASA Precisa-se

Casal estrangeiro pretende alugar moradia ou Flat, junto ao mar, bem mobilada e com conforto, para todo o ano.

Resposta com preço e todos os detalhes para o APARTADO 14 — LOULÉ

Seja previdente minha senhora



tenha na sua mala de mão **Cafiaspirina** comprimidos soberanos contra mal-estar e abatimento



MOTOS-SCOOTERS

Completo sortido de peças e acessórios para todas as marcas

Baterias alemãs que dispensam carga de formação

CALÇOS-DISCOS-CINTAS AVULSO PARA TODOS OS VEICULOS

Se tem um problema de peças e acessórios para MOTOS ou SCOOTERS consulte

Lisboa Garagem, Lda.

R. Alexandre Herculano, 11 E

Teleg. MOTOSCOTER

Telef. 55536-732904

LISBOA

HOTEL DA MEIA-PRAIA LAGOS

PASSAGEM DO ANO DE 1960-61

31 de Dezembro: — Baile de S. Silvestre-Ceia permanente durante toda a noite — 1 de Janeiro: — Tarde de S. Silvestre. Jantar dançante até às 24 h.

O conjunto MERRY-BOYS presta a sua colaboração
Marcações pelos telefones — Lagos, 349, 360 e 351

Portugal no Oriente

(Conclusão da 1.ª página)

director da Feitoria Portuguesa de Bangkok, acompanhado de um secretário nomeado pelo Governo de Macau.

Carlos Manuel da Silveira, que serviu até 1853, foi exonerado a seu pedido, sendo nomeado pelo Governo de Macau, para o substituir, Marcelino de Araújo Rosa, natural desta Província, que tomou posse do cargo no mesmo ano.

Como o terreno se não encontrava demarcado e se ignorasse qual a área entregue ao Consul Silveira, não tinha pois limites definidos a Feitoria Portuguesa. Mas que o terreno era de grandes dimensões, tudo o confirma; e tão grande era a sua área, que o Consul Araújo Rosa se lembrou de oferecer uma parte deste terreno a uma mulher siamesa, para ali estabelecer residência, e esta, por sua vez, não teve dúvidas em a hipotecar à missão dos baptistas, por 90 dólares mexicanos, que dela se apoderou por não ter sido reembolsada da referida importância, o que tudo foi confirmado por um velho missionário americano, de nome L. Schemidt, que ali residiu 70 anos, e com quem tudo se passou, sendo de supor que a dita missão tenha, ainda hoje, aquele terreno em seu poder.

Continuando sob a dependência do Governo de Macau, que nomeou para ali muitos Consules, alguns naturais de Macau, tais como: Cancio Jorge, José Loureiro, Marques Pereira e outros distintos funcionários, em 1887 o Consulado de Portugal em Bangkok passou a ser de carreira (1.ª classe) e a depender, directamente, do Ministério dos Negócios Estrangeiros, sendo então nomeado Consul Geral o tenente Frederico António Pereira, que geriu os negócios durante muitos anos.

Com a elevação a Consulado de 1.ª Classe, a direcção da Feitoria passou para o Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Desde 1859, no tempo da gerência do Consul F. A. Mohr, começaram a ser alugados os terrenos a diferentes indivíduos, que foram levantando barracões, casas e armazéns, que no fim do arrendamento passavam a ser propriedade do Estado português.

O Consul Mohr, com os escasos rendimentos que tinham os terrenos da Feitoria, conseguiu construir uma cadeia consular, um muro singelo para separar os nossos terrenos dos da missão americana; e adquirindo uma pequena soma de juros de 15%, começou a levantar a residência consular.

Neste trabalho, feito tão demoradamente, gastaram-se oito anos. E quando Mohr deixou a gerência em 1868, a casa tinha as paredes

já levantadas, mas sem cobertura, que foi feita, em 1875, pelo Consul Marques Pereira, que contraiu também um empréstimo, sendo este capital e juros e o do outro empréstimo feito pelo Consul Mohr, pagos pelas rendas do terreno.

Foi assim que viemos a possuir uma Feitoria em Siam — hoje Thailandia — e se construiu a casa da residência consular, sem qualquer dispêndio para o tesouro.

Os terrenos da Feitoria Portuguesa de Bangkok estiveram sempre alugados a firmas europeias, porque situados à beira do rio, ofereciam grandes vantagens aos negociantes, que podiam assim receber directamente as suas mercadorias, retirando-as das barcas para os seus armazéns.

O terreno em posse do Governo Português, media em 1915, de Norte a Sul, junto à margem do rio Menam, 113m, 91cm; e do lado oposto interior, 121m, 61cm; de largura, Leste-Oeste, media na extremidade Norte 87m, 78cm; e na extremidade Sul 106 metros.

Achava-se dividido em seis lotes, dos quais quatro estavam arrendados a firmas francesas, inglesas e italianas; e rendia, em 1915, 11.000 ticaís, ou sejam, aproximadamente, 800 libras. O primeiro lote encontrava-se vago havia três anos, naquela época; e no segundo ficava a magnífica residência do chefe da Missão.

Em virtude dos grandes interesses que o nosso Governo tinha em Siam, e da importância económica e política da Feitoria, foi o Consulado Geral elevado à categoria de Encarregatura de Negócios, tendo o chefe credenciais do Ministro dos Negócios Estrangeiros, e foi nomeado um secretário — intérprete, para evitar um possível abandono do posto, como antes sucedia.

(Continua)

Túnel ou Ponte A luta pela Mancha

FALA-SE há décadas de um túnel ou seja: de uma ligação entre a Inglaterra e a França. Há muito que as primeiras sondagens haviam sido empreendidas, tanto do lado francês como do inglês. Nada, porém, de definitivo resultou, dado o apego da Inglaterra pelo seu isolamento, que tem por esplêndido.

Hoje que o avião, de um golpe de asa, transpõe as fronteiras e as barreiras, volta a pôr-se o problema. E a solução parece mais próxima. Contudo, não é da história desta ligação que desejamos falar, sim do futuro. Na hora actual, a luta trava-se entre os defensores do túnel e os da ponte.

Deixemos primeiro falar os partidários da ponte, que constitui a ligação mais curta. Não comporta rampas de acesso e ganhavam-se, assim, alguns quilómetros nas duas margens. Teria a ponte o mínimo de trinta e três quilómetros de comprimento. À razão de uma pilastra por cada espaço entre traves de duzentos e cinquenta metros, a fim de permitir a passagem dos navios, e totalizaria, grosso modo, cento e cinquenta pilastras. Teria a largura de trinta metros, o que permitiria a instalação de vias férreas, bem como uma pista dupla para automóveis. Por outro lado, a ponte constituiria a solução mais simples, pois o problema de ventilação não se poria, podendo os automóveis atravessar a Mancha pelos seus próprios meios. Inconveniente: em caso de guerra, seria facilmente destruída por um bombardeamento. Ao que os defensores da tese replicam que, no caso do túnel, bastaria bombardear as rampas terminais para o colocar fora de uso. É certo, mas o túnel subsistiria. O fundo marinho do Pas de Calais parece suficientemente sólido para suportar as pilastras de betão — desse lado não há problemas. O custo das obras seria menos oneroso do que para o túnel: cerca de três biliões de francos pesados, o que equivaleria a cerca de dezoito milhões de contos.

Quando ao túnel, ficaria com o comprimento de cinquenta quilómetros, incluindo as rampas de acesso. Seria cavado a cem metros de profundidade. Haveria, na realidade, dois túneis, um dos quais para a via férrea. Efectivamente, se se quisesse estabelecer

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

Quando os ventos sopram do Levante...

QUANDO os ventos sopram do Levante, Ti Zé Bunda, o velho, olha os mastros das traîneiras acachapadas no porto e o cocuruto das nuvens que fogem esgalgadas. Tóino Açor, o novo, sai da venda e cuspinha as palavras com imprecações no olhar:

— Tempo ruim, Ti Zé!...

E o velho responde, afeito que está ao destempero do tempo, sem invernos passados, ali, à beirinha do cais do seu sonho velho:

— ... Ruim, Tóino.

Depois, velho e moço se irmanam no mesmo flagelo de carnes batidas pela tempestade. De carnes que não correm a aventura das nuvens. Que ficam ali presas ao porto, irremediavelmente...

* * *

Ti Zé Bunda, o velho, sonhou-se mestre da traîneira azul. A traîneira veloz, dos cascos grávidos de sardinha redonda. Foi em tempos antigos, perdidos na quebrada do sonho. A traîneira azul pulsou-lhe nas veias, sentira-a viva sob o comando do seu braço

forte, até que o sangue se lhe apagou e o braço decaiu em tronco da videira descarnada.

Mas a traîneira azul ficou sendo o símbolo da sua mocidade, a mulher e os filhos que nunca teve. Ela é agora a casa a que se acolhe, quando, cansado, regressa das viagens intermináveis a um mundo que não é o seu. Que não conhece. O seu mundo, o verdadeiro, é ainda o da traîneira azul. É a esteira de luz, sem fim, que a quilha do barco sulca, todo ele envolvido num bando de gaiotas brancas. E agora, muitas vezes lhe acontece a traîneira azul partir sem ele, pobre barco sem arrais. Muitas vezes lhe acontece ficar ali, espeçado no cais, enquanto a traîneira azul ganha avanço e passa direitinha pelo canal da barra, como se houvesse gente na seu bojo. Mas não há ninguém e um dia, fatalmente, ele o sabe, a traîneira azul há-de ir despedaçar-se de encontro às rochas ou encahar na areia, até que as ondas a partam, pouco a pouco, como a vida parte, como a vida despedaça Ti Zé Bunda, o velho...

Sim, o velho já não é mestre da sua traîneira. Um velho é sempre um velho, coisa inútil, que não presta — e Ti Zé já perdeu até a sua traîneira azul... A companheira de sempre. Sua mulher e seus filhos. Agora, apenas o lar a que Ti Zé se acolhe quando regressa das viagens ao estranho mundo dos outros...

* * *

Tóino Açor, o novo, acorda da pasmaceira. Olha o velho e vê-o de olhos fixos, longe, para lá dos mastros das traîneiras, para lá das nuvens que correm rumo à terra, tresloucadas. Um sonho vago invade Tóino Açor. E Tóino toma coragem e pergunta a medo, como se temesse acordar Ti Zé Bunda, o velho:

— Ti Zé Bunda, qu'ê da traîneira azul?...

Ti Zé estremece. Uma névoa ligeira turba-lhe a visão. E Ti Zé responde, não sabe bem o quê, não sabe bem porquê:

— Cá está-se, Tóino, cá está-se...

Quando os ventos sopram do Levante, Ti Zé Bunda, o velho, e Tóino Açor, o novo, olham os mastros das traîneiras acachapadas no porto e o cocuruto das nuvens que fogem esgalgadas...

E ficam-se os dois, cada um por seu lado, afagando um sonho...

Candeias Nunes

Visado pela Comissão de Censura

cia. Sobre a arbitragem anotámos «presença» a mais e um erro de palmatória: — o penalty contra o Olhanense.

Mendonça Carvalho

Doloroso Transe

À Maria de Lurdes

Quando a paz não fôr uma pomba de matar em torneios
mas um brinquedo celeste
p'ra convencer nossos filhos
quando a liberdade de amar não fôr um mito
que é preciso interpôr ao sonho
nem a esperança os panfletos rebeldes
duma campanha subversiva
quando a fraternidade não fôr um enlace entre duas mãos
plenas de mentira e preconceito
nem a verdade um livro pornográfico
para maiores de não sei quantos anos
nem o sonho uma ameaça trágica de guerra
em conferências do mais alto nível

quando a vida não fôr isto, amor, ah! quando a vida não fôr isto
por este meio viremos, sim, por este meio viremos
na impossibilidade de o fazer directamente agradecer
a quem nos deu provas de consideração
em tão doloroso transe.

Beja, 7-1-59

JOSÉ ANTÓNIO MOEDAS

Olivais, 2 - Olhanense, 5

(Conclusão da 3.ª página)

fio de jogo, levando mesmo o sinal de perigo ao último reduto contrário em rapidíssimos contra-ataques. Numa apreciação individual dos elementos das duas turmas destacamos no Olhanense a boa actuação de Abade, a certeza de Luciano no tempo de entrada à bola, a boa actividade de Madeira e André distribuindo jogo à frente, o excelente esforço de Matias sempre onde fosse preciso, e a excelente disposição de Campos, um ariete difícil de anular. Na turma do Olivais, a linha da frente superou em muitos furos a defesa, frágil de mais num jogo de tamanha importân-

PROGRAMA das Ideias Contemporâneas

NUNCA se publicou tantos livros, e de tão notável qualidade, no nosso país, como agora. Todos os dias surgem nas montras das livrarias novos originais de autores portugueses, traduções de obras fundamentais da literatura universal, (não só actual como de todos os tempos), livros especializados, panoramas de ideias ou de artes plásticas, algumas vezes em edições verdadeiramente luxuosas, outras em edições acessíveis a todos os bolsos. É uma das obras de mais interesse geral publicadas ultimamente em Portugal que hoje me refiro neste breve apontamento: ao PANORAMA DAS IDEIAS CONTEMPORÂNEAS, publicação em fascículos da Estúdios Cor.

Esta obra, dirigida por Gaetan Picon, foi publicada originalmente em língua francesa, numa edição pouco acessível à maioria do nosso público, e conta com a colaboração de escritores e estudiosos especializados nos vários ramos do conhecimento ou da arte apresentados. Assim, guiados por especialistas, entramos na cerne do pensamento contemporâneo, ao contactarmos com trechos de Sartre, de Carl Jung, de Marleau-Ponty, de Edmund Husserl, de Heidegger, de Bergson, de Breton, de Max Sheller, de Malraux, de Bertrand Russell, de Spengler, de Freud, de Jaspers, de René Clair, de André G de, de Ortega y Gasset, de Albert Einstein, etc., etc., que nos apresentam trechos das suas obras principais sobre Filosofia, Psicologia, Ciências Sociais, Arte e outros ramos da ascensão do homem rumo ao deus que existe em si.

Do prefácio do Gaetan Picon transcrevemos o seguinte trecho: «O espírito contemporâneo não cessa de dar, em todas as direcções, provas de uma fecundidade, de uma audácia e de uma novidade surpreendentes. Assistimos, por isso, desde alguns anos, à proliferação dos balanços de uma actividade cujos resultados modificaram profundamente a nossa visão do mundo e a consciência que tomamos de nós mesmos. (...) Este livro é um panorama das ideias contemporâneas e, por ideias, devemos entender as grandes linhas de força que constituem a antecipação, os projectos, as escolhas do espírito que conhece e age; e ainda as grandes formas que reúnem, interpretando-os, os factos assim descobertos, os efeitos assim obtidos. Mais do que o próprio mundo foi a grade através da qual o nosso mundo aparece e se elabora que quisemos reconstituir».

A edição portuguesa, como já dissemos devido à Editorial Estudos Cor, inclui ainda em cada fascículo várias fotografias dos autores escolhidos, tendo sido já publicadas, entre outras, as de Máximo Gorki, Jean Paul-Sartre, André Gide, Stravinsky, Gabriel Marcel, René Clair, Jean Rostand, Freud, Benedetto Croce, André Malraux e Paul Claudel.

C. de B.

(4) Estão distribuídos quatro fascículos, onde se incluem os seguintes capítulos: AS IDEIAS FILOSÓFICAS, OS CAMINHOS DA PSICOLOGIA, AS CIÊNCIAS SOCIAIS, POSIÇÕES E PROBLEMAS POLÍTICOS, e anuncia-se o 5.º, onde se inclui o tema PROBLEMAS E FORMAS DA ARTE CONTEMPORÂNEA.

LUZ E ESCURIDÃO

Com a bela luz que agora temos, Alternar, mas fazendo diabruras, Vontade que tenhamos, não podemos viver continuamente às escuras.

A água, até por vezes, faz gazeta E então é maior o prejuízo. É certo: quem não sabe, não se [meta...]

Pois cortem — mas, ao menos, [um aviso.]

Para esses que preferem a escuridão [ridão] (Todos os jovens pares namorados) Não há lugar a indemnização.

Mas são bastantes os prejudicados Que detestando tal escuridão Preferem seus protestos — mas [baldados!]

José-Jorge

Assina e propaga "Noticias do Algarve"

Tudo se torna
mais fácil
com o Porto

DELAFORCE



bom
para
a saúde
e
agradável
ao
paladar

DELAFORCE
O PORTO SAUDÁVEL

HOTEL VASCO DA GAMA

MONTE GORDO

Ceia de S. Silvestre

«REVEILLON»

Conjunto Musical Haway

VARIEDADES

RESERVAS PELOS TELEFONES: 321, 322 e 323

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO